



Alexandre Castro Caldas

O contributo das Neurociências para a discussão do problema da pobreza

O envolvimento das Neurociências no estudo dos problemas relacionados com a pobreza tem vindo a ganhar importância nos últimos anos, a julgar pelo aumento do número de publicações dedicadas a este tema.

Não parece haver dúvidas de que a pobreza influencia a função do cérebro, o que fica ilustrado pela relação que existe entre o rendimento económico e a prevalência da depressão e bem, assim, sobre a expectativa de vida. No entanto, importa compreender que a pobreza, só por si, é um indicador complexo que necessita de ser segmentado para compreender qual o indicador mais importante e qual o resultado que interessa compreender.

Nesta curta intervenção focar-me-ei nos problemas do desenvolvimento infantil que nos parece ser a maior urgência.

Ficamos a saber que o desempenho escolar está indexado ao rendimento familiar, havendo uma boa correlação entre maior rendimento, melhor desempenho. Olhando para a estrutura do cérebro podemos identificar claras assimetrias do seu desenvolvimento indexadas também ao rendimento familiar. Os estudos de neuroimagem revelam que o estatuto socioeconómico da família se associa ao volume do lobo frontal e ao seu córtex, que está associado a processos mentais de coordenação e execução, ao volume da amígdala, importante em múltiplos processos nomeadamente no contributo nos processos da emoção, ao volume do hipocampo que se relaciona com neurónios e aprendizagem e parece também associar-se a diferenças nas vias de condução entre as múltiplas regiões do cérebro. No entanto, estas correlações não permitem estabelecer relações causais. Há estudos longitudinais quase experimentais que revelam que a correção da pobreza possa modificar a evolução num sentido favorável. A título de exemplo cito o trabalho de Troller-Renfree e colaboradores (2022) em que o aumento do rendimento da família revelou um desenvolvimento comparativamente maior relacionado com a dimensão do aumento.